



X Congresso Português de Sociologia
Na era da “pós-verdade”? Esfera pública, cidadania e qualidade da democracia no Portugal contemporâneo
Covilhã, 10 a 12 de julho de 2018

Secção/Área temática / Thematic Section/Area:
Pobreza, Exclusão e Políticas Sociais
Poverty, Exclusion and Social Politics

As Pessoas Sem-Abrigo: a «Carência nos Afetos»
The Homeless People: the «Need for Affection»

RESENDE, José Manuel; Professor de Sociologia na Universidade de Évora, Largo dos Colegiais, 2, 7004-516, Évora; Investigador no Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS); Colaborador do Observatório da Juventude do ICS da ULisboa; Membro do PPGSP da UENF; Consultor Externo do INCT/InEac da UFF de Niterói e do Instituto Vladimir Herzog de São Paulo; josemenator@gmail.com

DIAS, Mariana Oliveira; Mestre em Sociologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa; Investigadora no Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS); mariana.oliveiradias1994@gmail.com

Resumo / Resumen / Abstract / Résumé

Este texto procura refletir sobre as experiências e quotidianos das pessoas sem-abrigo utentes do Refeitório Rosália Rendu partindo de três eixos principais: acolher, habitar e apegar dando especial ênfase ao eixo do apego e à importância de considerar a «carência nos afetos» ao estudar esta população. Pretende-se ir além dos pressupostos contidos na definição oficial homogeneizadora desta população que será analisada na sua diversidade – como ser vivos que são seres humanos –, recorrendo a entrevistas e à observação participante durante o período em que se encontravam no Refeitório.

This text aims to reflect on the experiences and everyday life of the homeless population at the Canteen Rosália Rendu through three main axis: to welcome, to inhabit, and the attachment to other, giving special emphasis to the axis of attachment to other and to the importance to consider the «need of affection» when studying this population. It is intended to go beyond the assumptions contained in the official and homogenizing definition of this population which will be analyzed in its diversity – as living beings who are human beings – using interviews and participant observation during the period they were in the Canteen.

Palavras-chave / Palabras clave / Keywords / Mots-clés:

Pessoas Sem-Abrigo; Experiências; Relações Sociais; Apego
Homeless People; Experiences; Social Relationships; Attachment

XAPS-27608

Na errância cidadina: uma população, múltiplas problemáticas

Neste texto iremos analisar as pessoas sem-abrigo que procuram no Refeitório Rosália Rendu (Campo Grande, Lisboa) o acolhimento que lhes escapa nos quotidianos errantes pela cidade de Lisboa. Esta análise apoia-se em dados recolhidos entre outubro de 2016 e maio de 2017 numa investigação que tinha por objetivo principal compreender as dinâmicas nesta cidade de indivíduos qualificados institucionalmente como sem-abrigo. A observação e o questionamento circunscreveu-se a três eixos: acolher, habitar e apegar. Estes eixos atuantes permitiram captar experiências quotidianas das pessoas sem-abrigo que tornaram possível o interconhecimento das suas experiências como seres errantes na cidade.

Procuramos ir além da definição oficial destas pessoas de modo a pensar não só a ausência de casa própria mas igualmente um conjunto de outras carências problemáticas, como por exemplo as complexas ocorrências que dificultavam a permeabilidade aos afetos nos seus quotidianos. Importa, por isso, ter em consideração o conjunto de momentos problemáticos diversificados destes indivíduos, tais como aquelas associadas à não documentação, às dificuldades de inserção no mercado de trabalho, à saúde física e mental, à dificuldade de compreensão da língua portuguesa, cujas consequências são a de serem sentidas como impedimentos em superarem a sua situação de vulnerabilidade aguda.

Estes momentos problemáticos observados a partir dos contactos havidos no Refeitório e em outras cartografias situadas em espaços interpolares àquele, tornaram viável identificar problemas que não se circunscrevem à sua precariedade em termos de locais de residência. Dando conta da extensão dos seus problemas procurámos analisar as problemáticas destes indivíduos de forma mais detalhada, escutando as suas histórias de vida, os seus problemas diários e as dificuldades que escolhem abordar nas conversas havidas no trabalho de campo.

Ou seja, buscámos humanizar esta população representada pelos indivíduos com quem lidámos diariamente durante o trabalho de campo. Completámos as suas histórias de vida pela observação dos seus gestos e comportamentos durante o período em que estavam no Refeitório.

“É fulcral interagir com estes sujeitos, ouvir as suas palavras e aprender as suas visões sobre si mesmos e sobre a sociedade.” (Aldeia, 2011, p. 6)

Assim, foi também o reconhecimento dessa diversidade de problemáticas e dificuldades que levou a que questionássemos a natureza das relações destes indivíduos. Mas também tivemos em conta a sua perceção da proximidade e distância social com os outros desconhecidos, as dinâmicas sociais quotidianas, o convívio com aqueles que contam em momentos concretos, a ligação e confiança num outro que conhece e reconhece a partir das vinculações que vai tecendo, mesmo que precárias e momentâneas.

Como é que funcionam os laços sociais entre as pessoas sem-abrigo e o outro? Associam os laços sociais à entajuda e à aprendizagem, ao conflito e à competição pelos poucos recursos de que dispõem numa vivência pautada por múltiplas ausências? Com quem passam o seu dia-a-dia? Como fazem a escolha das pessoas que também procuram regular o seu quotidiano? Que observações de gestos/comportamentos podem provar a confiança no outro, o apego ao outro e a relação com o outro?

Da definição oficial à (des) vinculação: questionamentos no quadro das afetações possíveis

É importante ter em consideração as várias formas de pensar as pessoas sem-abrigo, seja desconstruindo a definição oficial, seja através da revisão de literatura científica produzida sobre esta população, seja ainda ouvindo as experiências relatadas pelos atores que as viveram nos seus quotidianos.

Em Portugal, a pessoa sem-abrigo é *“aquela que, independentemente da sua nacionalidade, idade, sexo, condição socioeconómica e condição de saúde física e mental, se encontre: sem teto – vivendo no espaço público, alojada em abrigo de emergência ou com paradeiro em local precário; sem casa – encontrando-se em alojamento temporário destinado para o efeito”* (Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas Sem-Abrigo, 2017 Plano Cidade para a Pessoa Sem-Abrigo, 2009; Programa Municipal para a Pessoa Sem-Abrigo, 2015).

Esta definição funciona como linha orientadora dos vários dispositivos de auxílio às pessoas sem-abrigo e, depreende-se da sua leitura, equaciona exclusivamente as questões de falta de teto/falta de casa, contendo somente duas categorias das quatro presentes na categorização ETHOS (sem-abrigo, sem alojamento, habitação precária e habitação inadequada¹). Assim, o ponto de partida e de chegada na representação instituinte destes indivíduos é feita através da qualificação de sem residência oficial. E

a errância pela cidade dificulta a cartografia de um local onde possam ser localizados, e pela localização regular os topos por onde circulam na cidade.

Ora, se esta população é definida por apenas uma das suas ausências (ausência de casa/de teto), quando e como é que são equacionadas as outras variadas privações com que se deparam na sua situação vulnerável (ausência de trabalho, incapacidade e desconhecimento acerca de serviços de apoio existentes em Lisboa, problemas de saúde física e mental, imigração de cariz ilegal, desconhecimento da língua e das características do país onde se encontram, entre outras)?

Torna-se importante que olhemos além dessa exclusiva maneira de observar os seus problemas habitacionais se queremos analisar seres vivos que sendo pessoas são também seres humanos. Devemos procurar compreender esta população através de uma “*antropologia das capacidades*” na qual a “*garantia íntima de poder tornar-se capaz*” (Breviglieri, 2012) permite que consideremos as histórias destes indivíduos vulneráveis numa lente que os capta como relatos de seres humanos. Seres que, apesar de frágeis, encontram caminhos para superar as dificuldades com que se vão deparando não esquecendo os limites daquilo que estes são por vezes capazes de fazer quando confrontados com certos problemas de outra complexidade.

Fala-se de uma análise duplamente reflexiva: não só por parte dos investigadores como dos próprios atores com que fomos interagindo procurando “*recuperar a sua «capacidade de agir, de pensar, de sentir, capacidade quase enterrada, perdida, nos saberes, nas práticas, nos sentimentos que exterioriza[m] sobre si mesmo[s]*» (Vallée, 2010, p. 263-264). No fundo, o que faz com que devam ser pensados como humanos antes de serem equacionados como pessoas sem-teto.

É analisando pessoas que estão qualificadas como estando sem-abrigo, que vamos indagar sobre as teias dos seus laços, a forma como as mantêm, desenvolvem e (re) atualizam, a importância que os múltiplos laços sociais têm nas suas experiências, a possibilidade de terem potenciado ou serem consequência da situação frágil em que se encontram na qual a interajuda pode ser vital à sobrevivência. Olhamos, assim, não apenas a ausência/precariedade habitacional, mas igualmente para os modos de fazer do apego uma âncora das suas existências.

Tendo em conta os dados empíricos recolhidos em conversas informais, entrevistas e nas observações registadas torna-se possível aplicar à população que estudámos o que Aldeia (2011, p. 77) defendia no seu trabalho: “*A vida na rua elimina laços, mas também os cria*”. Falamos de situações que potenciam relações apreendidas dos

discursos e atuações destes cujas experiências foram iluminando as hipóteses, questões e conclusões a que fomos chegando. O conceito de experiência é assim importante de ter em consideração como dispositivo analítico.

Dewey fala-nos da conjugação das várias temporalidades da vida dos indivíduos numa constante aprendizagem, numa produção de “*conhecimento acumulado ao longo do tempo*”. Ou seja, “*O ser humano sofre a experiência e reage ao mesmo tempo.*” (Dewey, citado em Santos, 2011, s.p.).

Por sua vez, Breviglieri (2008) utiliza este conceito associando-o às capacidades dos indivíduos solucionarem situações problemáticas através do recurso às suas potencialidades já experimentadas pelos seus hábitos, por aquilo que potenciam a partir das suas rotinas. Ou seja, no caso que procurámos analisar, a capacitação das pessoas sem-abrigo que, através de um reconhecimento das suas potencialidades enquanto pessoas, vão superando os vários constrangimentos com que se vão deparando.

Aliás, a população que estudámos não é apenas vulnerávelⁱⁱ por se encontrar em situação de sem-abrigo mas também por serem pessoas sem-abrigo na sua maioria imigrantes, lidando com a vulnerabilidade do desconhecimento ou pouco conhecimento dos modos de ser e fazer no país de destino (Portugal). Não só se deparam com um conjunto de problemáticas associadas às ausências que enquanto pessoas enfrentam ao estarem numa situação de sem-abrigo como em paralelo têm de encontrar dispositivos para lidar com as dificuldades que comporta a estranheza do estrangeiro: o desconhecimento da língua do país onde se encontram, o desconhecimento dos protocolos e convenções habituais num País que não o de origem, o desconhecimento dos dispositivos de auxílio existentes nesse País, a situação de serem qualificados como imigrantes ilegais.

Essa dupla vulnerabilidade faz com que a importância de estudar as suas ligações sociais aumente pois é através da capacidade ou não de se relacionarem com o outro que um conjunto de aprendizagens essenciais à sobrevivência são efetuadas (a nível de orientação na cidade, de descoberta de dispositivos de auxílio, de locais de pernoita seguros, de locais onde se podem alimentar). É através da convivência e da relação com o outro que vai ser possível sobreviver enquanto pessoa sem-abrigo imigrante.

Das ausências ao afeto nas pessoas sem-abrigo

“Teremos nós alguma coisa a aprender, de um ponto de vista sociológico, com as relações múltiplas que acompanham a história de vida de cada pessoa?”

(Breviglieri, 2013, p. 1)

Pensar o afeto e as relações sociais na população sem-abrigo que procuramos analisar implica ter presente o seu contextoⁱⁱⁱ e as ausências de que temos falado, na medida em que vão ter implicações nas experiências destas pessoas: ausência de casa/abrigo, ausência de um trabalho, ausência de contacto próximo com o outro, ausência de intimidade, ausência de segurança/proteção.

Consideramos então uma Sociologia das Ausências tal como proposto por Pizzio & Veronese (2008) que nos guia até ao conceito de desqualificação social. As dinâmicas que procuramos compreender são pautadas por essas ausências que tanto desqualificam como promovem a auto-desqualificação.

Estas ausências desqualificantes vão ter um especial impacto na confiança para com o outro^{iv}. Os processos de desqualificação (tanto partindo dos próprios indivíduos sem-abrigo como dos outros) vão afetar a capacidade de depositar confiança no outro e, assim, a possibilidade de criarem ou recriarem laços sociais^v.

Contudo, não deixa de ser interessante deslocarmos o nosso olhar para a proximidade (Breviglieri, Pattaroni & Stavo-Debaugé, 2003; Breviglieri, 2005) quando experienciada em ambiente de auxílio. Isto é, determo-nos nos arranjos que circundam a prestação de auxílio a esta população, como é o caso do Refeitório onde realizámos a investigação, como é que é gerido o equilíbrio entre a vulnerabilidade destes indivíduos e a sua capacitação com objetivo de uma autonomia no futuro?

É importante considerar estes arranjos de auxílio à população sem-abrigo na sua função de mediadores. Ao analisarmos uma população duplamente vulnerável, essa mediação entre as suas várias dificuldades e os serviços aos quais têm de recorrer para as suprimir faz com que, assumindo essa função, estes arranjos (como aqueles que são possíveis determinar no Refeitório, por exemplo) desempenhem funcionalidades vitais na autonomização possível destes seres.

Assim, os ajustamentos verificados em relação à proximidade e à distância nos arranjos de auxílio à população sem-abrigo é equacionado ao utilizarmos o conceito de “ética do cuidado” no qual “a distância, entendida na maioria das vezes como aquelas relações com os indivíduos e os grupos que não fazem parte dos nossos grupos de pertença, é regularmente inovada para apontar os limites” dos princípios éticos a

serem mantidos quando falamos da prestação de cuidados ao outro (Paperman, 2008, p. 267).

Esta questão da proximidade e da distância através da “ética do cuidado” é importante de ser colocada em prática para evitar uma proximidade excessiva nessa tentativa de auxiliar as pessoas sem-abrigo pois isso comportaria uma situação que pode adquirir contornos insuportáveis (Breviglieri, 2009) para quem o excesso pode ser ajuizado como intrusivo.

O que nos leva a evidenciar um isolamento relacional desta população nesse jogo de proximidade-distância. Ao serem/estarem vulneráveis isolam-se socialmente para evitarem agravar essa fragilidade. Ao mesmo tempo, dispendo de pouca autonomia para lidar com esses excessos insuportáveis da proximidade do outro, esse isolamento também aparece como solução para evitar que tal aconteça. No entanto, não deixam de ser seres humanos, e, por isso, seres sociais.

Mantêm relações, estão em contacto com o outro em vários momentos do seu quotidiano, necessitam do outro, permitem-se confiar a diferentes graus no outro. No entanto, nem sempre se permitem relacionar de forma profunda apegando-se ao outro, acabando por experienciar uma vivência paradoxal ao nível dos afetos.

Metodologia

Para realizar a investigação que está na base deste artigo optámos por fazer um estudo de caso tomando como objeto de estudo as dinâmicas inerentes às apropriações e relações da população sem-abrigo utente do Refeitório Rosália Rendu.

Definido o objeto de estudo e os objetivos da pesquisa optámos por um desenho com técnicas de recolha de informação de cariz compreensivo, processual e qualitativo. A investigação seguiu um método indutivo no qual as questões e hipóteses foram sendo levantadas entre idas e vindas do terreno.

Uma das técnicas de recolha de informação utilizada foi a observação participante durante o período antes, durante e depois do almoço no Refeitório. Para tornar possível a realização das observações o exercício de voluntariado no Refeitório desde outubro de 2016 até maio de 2017 foi o passo decisivo para captar as teias das afetações e desafetações dos indivíduos que acompanhámos mais de perto.

Para ser possível chegar às pessoas cujas histórias queríamos ouvir ao invés de optarmos por uma abordagem aleatória na rua, por exemplo, que poderia ser algo brusca e invasiva, escolhemos tornar-nos uma figura familiar porque presente durante aquele

período de tempo do seu quotidiano em que estavam no Refeitório. A partir deste local a aproximação foi feita gradativamente com avanços e recuos, tateando os momentos mais convenientes para este efeito.

Aliava-se à observação participante o registo em Diário de Campo de vários elementos recolhidos na temporalidade viável para este estudo. Desde conversas informais a gestos, comportamentos, reações, atitudes tanto de voluntários como de utentes, o Diário de Campo foi-se compondo de registos que partiram de observações circunstanciadas.

Esse registo foi sendo efetuado com particular atenção, detalhe, descrição num olhar crítico das situações que observávamos, uma vez que recorrendo apenas à memória não teria sido possível alcançar um manancial de informação tão vasto, interessante e rigoroso como aquele que foi recenseado no Diário de Campo.

Por fim, as entrevistas semiestruturadas foram desenhadas enquanto “*conversas com um objetivo*” (Burgess, 1997, p. 112). Era importante ouvir as histórias destas pessoas tal como as próprias as contavam, as experiências que tinham vivido tal como percecionadas pelos próprios atores.

As pessoas que foram sendo entrevistadas permitiram a gravação das entrevistas e mantiveram conversas longas sobre as suas experiências, resultando a aplicação desta técnica num conjunto de informações únicas, densas e importantes de serem analisadas por revelarem a sua forma de pensar sobre a sua situação enquanto pessoa sem-abrigo recuando ao passado, analisando o presente e pensando o futuro (Breviglieri & Stavo-Debaugé, 1999). Foram realizadas nove entrevistas a pessoas sem-abrigo e uma entrevista a uma das voluntárias do Refeitório (uma vez que também era importante obter uma contextualização do ambiente que envolve os utentes desse espaço).

O número de entrevistas realizadas é resultado de vários constrangimentos inerentes à população contactada. Por um lado, nem todos os utentes do Refeitório compareciam de forma regular nesse espaço. Por outro lado, nem todos dominavam o português ou o inglês o que dificultava a criação de um momento longo como o da entrevista que tornava possível a captação das suas vivências. Por fim, devemos ainda referir que não foi exequível desenvolver uma relação próxima junto de todos os utentes de modo a facilitar a realização de entrevistas com todos os frequentadores do Refeitório.

Dos resultados

As relações das pessoas sem-abrigo

Uma das formas pelas quais podemos compreender as experiências detidas pela população denominada como sem-abrigo é a partir do ângulo de como estes seres monitorizam a sua humanidade, isto é, como tecem as suas relações com o ambiente físico e humano que as envolve ou não nos seus quotidianos. Concretamente as características dessas relações sociais e as dinâmicas através das quais aquelas proporcionam ou não ligações com o outro conhecido ou desconhecido.

São pessoas com carências económicas, habitacionais, sem trabalho, sem domínio da língua, com problemas de saúde física e mental, mas também “[...] *são apenas pessoas carentes de afetos (pobres de afetos que querem chamar a atenção mas que não fazem mal a ninguém.*” (excerto do diário de campo, dia 7.11.2016)

É de atenção que fazem apelo. Os atos conversacionais são vitais para a consolidação ou revitalização das relações mutualistas. É do revigoramento destas ligações que está o prenúncio das afetações possíveis entre estes e os outros.

Como é que o empobrecimento dos atos de atenção manifestados por formas de falar em diálogo é superado no dia-a-dia? Como é que as pessoas sem-abrigo se relacionam com o outro? É possível superar registos de vulnerabilidade marcados pelo silêncio ou pela desatenção civil? O apego como manifestação da relação com o outro, da ligação afetiva a outro ser humano, vai funcionar como ferramenta analítica das relações sociais destes indivíduos tanto dentro como fora do Refeitório.

O apego nas relações no Refeitório

As dinâmicas de apego são possíveis de observar no Refeitório em dois tipos de relações: as relações das pessoas sem-abrigo entre si e aquelas entre utentes e voluntários.

No entanto, quando se analisa o apego dentro do Refeitório não ouvimos só as histórias e conversas que sustentam conclusões acerca desse fenómeno. Também observamos a forma como os seus utentes se movem e se apropriam do espaço, as escolhas operadas em função de como ocupar aquele período de tempo diário de acordo com as relações sociais, o tempo dispensado para conversar com determinadas pessoas. Importa tomar especial atenção ao ambiente envolvente naquele período que vai do antes ao pós-almoço.

“A Irmã diz-me que eles [pessoas sem-abrigo] são simpáticos, conversadores, calmos, mas muito exigentes seja com a comida seja com a vez de comer para que não lhes falte alimento.” (excerto do diário de campo, dia 17.10.2016)

As experiências destas pessoas em situação de sem-abrigo acabam por ser apreendidas nos momentos observados naquele espaço pelo teor das suas conversas, pela situações que escolhem partilhar, pela capacidade que demonstram em expor os seus problemas face ao ouvido do outro que mesmo não podendo mudar a sua situação pode escutar e demonstrar alguma empatia, tal como é visível no seguinte excerto de entrevista em que um dos utentes partilha os seus problemas com a equipa de voluntários:

“[...] depois o N. recebeu um telefonema do seu patrão a pedir que fosse trabalhar hoje à uma da manhã. Terminou o telefonema bastante revoltado. Disse-nos [a mim e à Irmã] que recebe apenas 5€ à hora seja num trabalho durante o dia ou durante a noite, mas que pagam cerca de 10/12€ ao seu patrão e que ele apenas dá 5€ aos empregados. A Irmã perguntou a que horas acabava o trabalho e ele disse que não sabia, que acabava quando acabasse e que se ele não fosse chamavam outro.” (excerto do diário de campo, dia 21.4.2017)

Esta capacidade e necessidade de partilharem os problemas com que se vão deparando na situação em que se encontram são também reveladores do escopo de proximidade e confiança no outro. Pois, se nos primeiros tempos em que estivemos no Refeitório a fazer voluntariado a relação dos seus utentes para connosco era de alguma desconfiança e poucas palavras, com a passagem do tempo e a constância das idas ao Refeitório passámos a escutar não só problemas como reflexões sobre as situações que viviam e que escolhiam partilhar connosco.

A confiança e a possibilidade de estabelecer uma relação com o outro através do apego vai sendo firmada com a repetição de vezes que veem determinada pessoa naquele espaço. Vão-se permitindo apegar através da partilha de histórias, de perguntas, de memórias, de alterações na sua situação com o outro que estão disponíveis a escutar o que dizem.

“Entrevistadora: Essa confiança existe pela repetição de vezes que vêm cá? É através de... Como é que se dá essa confiança que passa a haver?”

I: É a repetição de vezes, é também, eu acho, que para eles é muito importante que nós nos vamos aproximando devagar, que vamos esboçando um sorriso. Porque é aquilo que lhe dizia no outro dia: além de carências monetárias eles têm principalmente carências afetivas e eu penso que eles têm muita necessidade de alguém que pare um bocadinho para os ouvir e que converse um bocadinho com eles.” (excerto de entrevista a I., voluntária)

A expectativa de serem escutados e auxiliados aquando dessa partilha das suas experiências e problemáticas acaba por estar em consonância com a “humanização” de cada utente a que se assiste no Refeitório.

Esse processo de humanização das individualidades presentes no todo populacional em questão toma forma através da demonstração de conhecimento das suas características por parte da equipa de voluntários que tem alcunhas para a maioria dos utentes, do conhecimento dos gostos particulares de cada um por saberem *a priori* que tipo de alimentos preferem levar para o seu jantar nas caixas que são preparadas para o efeito pelos voluntários, ou ainda através da adequação dos discursos em função da personalidade de cada um.

“As voluntárias, que já conhecem os utentes, dizem “ah é o x, é normal” ou “ah lá vem este ou aquele novamente” – conversam entre si com um código de linguagem já criado para falar de alguns utentes dando-lhes alcunhas ou referindo-se a eles através de características (físicas ou de personalidade) que estes tenham e que sobressaiam.” (excerto do diário de campo, dia 19.10.2016)

“Foram chegando os utentes e as caixas e os vários pedidos que cada um tem, seja em relação aos lanches, seja em relação às caixas. É interessante ver como cada um deles já sabe que a Irmã conhece os seus gostos e os seus vários pedidos quando dizem “a Irmã já sabe o que é para pôr”.” (excerto do diário de campo, dia 18.11.2016)

Se a confiança e a capacidade para se relacionarem, apegarem, partilharem experiências com o outro no Refeitório cresce em proporção direta com o tempo de permanência no Refeitório então torna-se interessante olhar para os utentes que chegam pela primeira vez para encontrarmos já aí uma predisposição para confiar naquele espaço que tem como propósito auxiliar e dar resposta a algumas das suas necessidades.

O processo de acolhimento hospitaleiro^{vi} destes novos utentes – por parte de voluntários e utentes – é importante de ser analisado por permitir não só favorecer a sua permanência como a sua pertença àquele espaço, a sua apropriação de objetos como o lugar à mesa, o prato, a cadeira, o seu envolvimento naquele ambiente em específico.

“Chegou um novo utente, um refugiado sírio (?) que só fala inglês e queria almoçar no Refeitório. Foi interessante ver os olhares dos outros utentes para com o novo utente num misto de desconfiança e curiosidade. À hora de almoço foi também interessante ver o processo de aprendizagem da ordem e dos comportamentos no Refeitório durante o almoço.” (excerto do diário de campo, dia 16.1.2017)

Este primeiro momento de acolhimento, quando é efetuado por parte dos voluntários, obedece a um procedimento formal que se repetiu por três vezes no período em que estivemos no Refeitório a fazer voluntariado. Sendo sempre semelhante ao descrito na seguinte passagem:

“Quando a Irmã estava para ir almoçar apareceram três senhores angolanos novos, o que me permitiu assistir ao acolhimento destes novos utentes de perto: vinham com um documento da JRS a sinalizar que poderiam ir ao Refeitório e foi-lhes dito que não perdessem esse documento e que dessem os seus documentos de identificação (no caso os passaportes) para que fossem fotocopiados para depois serem devolvidos. De seguida, foi-lhes explicado o horário do Refeitório, as refeições, as instalações e as possibilidades de usufruto deste espaço acabando com “mas vocês vêm da JRS já devem saber isto que vos estou a dizer”.” (excerto do diário de campo, dia 27.2.2017)

A possibilidade de estabelecerem laços de confiança e de apego surge como resultado desse acolhimento hospitaleiro por parte de quem abre as portas do Refeitório a quem acaba de lá chegar. A perceção dessa hospitalidade e consequente confiança é constatada quando, por exemplo, um dos utentes refere que “[...] veio ao Refeitório porque é o seu “lugar seguro” [...]” (excerto do diário de campo, dia 31.3.2017).

Aliás, será precisamente a partir de dados acerca do modo como se relacionam tanto os utentes entre si como os utentes com os voluntários que podemos olhar além da “carência nos afetos” e descobrir como se vai dando o apego ao outro através de

comportamentos, de atitudes, de discursos numa superação de mais uma das formas de vulnerabilidade que pautam as suas vidas.

Os utentes demonstram preocupação quando um deles se atrasa, demonstram modos de entreajuda ao dar boleia a um deles que tem dificuldades na deslocação a pé, demonstram interesse em manter uma relação de proximidade com o outro quando recorrem aos gestos para comunicar caso a língua falada não seja a mesma, demonstram cuidado com o outro que acaba de chegar quando o ensinam a estar de acordo com as regras do Refeitório.

Contrapondo os seus comportamentos e gestos com os seus discursos encontramos indícios da vivência afetiva paradoxal que referimos acima. Recolhemos contradições acerca de como percebem as suas relações sociais dentro do Refeitório uma vez que os próprios se contradizem seja no discurso seja nas ações.

À pergunta “*Como são as relações que mantém no Refeitório?*” foram dadas respostas como, por exemplo: “*mais ou menos amigo, mas amigo, **amigo não tem.***” (excerto de entrevista a I., utente), “*relações muito à superfície*” (excerto de entrevista ao M., utente), “*só conhecidos, **não é amigos**, aqui não tem ninguém*” (excerto de entrevista ao J., utente).

Contudo importa comparar estas respostas aparentemente reveladoras de uma distância e isolamento social com aquilo que foi transmitido na mesma entrevista ou em momentos anteriores/posteriores por estes três utentes que utilizamos como exemplo.

O primeiro exemplo, I., menciona várias vezes os amigos ucranianos que tem no Refeitório e o papel essencial que estes tiveram na sua acomodação à situação de sem-abrigo, nomeadamente em relação à aprendizagem de onde se deveria dirigir para obter comida:

“Entrevistadora: *E como é que tiveste acesso à igreja e à comida da igreja?*”

I: *Amigos, **amigos ucranianos.***” (excerto de entrevista a I., utente)

Por sua vez, M., que dizia manter as suas relações dentro do Refeitório apenas a um nível superficial é um dos casos que foi demonstrando ao longo do trabalho de campo no Refeitório momentos de preocupação e cuidado com outros utentes. Sobretudo com o F. que se sentava todos os dias ao pé dele e que tinha horários de chegada ao Refeitório fixos, deixando M. alertado e preocupado no dia em que F. se atrasou:

“O M. perguntava, **preocupado**, se a Irmã não saberia de nada, se ele [o F.] não se teria metido em alguma confusão. [...] Passado algum tempo fui chamada como testemunha da **preocupação do M.** com o atraso do F.” (excerto do diário de campo, dia 28.10.2016)

Por fim, em relação a J. que referia não ter ninguém no Refeitório, negando assim qualquer relação ou forma de apego naquele espaço, basta citar o próprio minutos depois dessa negação afetiva:

“J: *Importante? Verdade, como família, se dá comida para nós, é verdade, muita coisa por aí, dá muita coisa, coisa para a Irmã complica porque sempre dá coisa, verdade, como Irmã, como todos mais sim, eu gosto, é verdade, tenho amigos aqui. Um dia não venho aqui sempre diz: “ah como está amigo?”. Toda a gente é boa, a Irmã, muito obrigado.*” (excerto de entrevista a J., utente)

Estes dados empíricos permitem-nos olhar as relações e o apego pela confiança que se estabelece com o outro. Seja entre as pessoas sem-abrigo que usufruem do Refeitório seja destas para com os voluntários. São seres vulneráveis que, no espectro temporal que vai da sua chegada ao Refeitório até ao momento em que falámos com eles, foram desenvolvendo mecanismos em função de se ligarem ou religarem ao outro.

Foram confiando, dando a conhecer um pouco da sua privacidade e intimidade a partir da partilha de histórias, vivências e experiências de modo a colmatar a “*carência nos afetos*” que pauta o seu quotidiano, os seus modos de vida, as suas experiências enquanto pessoas sem-abrigo. No Refeitório essa forma de pobreza afetiva acaba por ser aliviada através da permeabilidade ao afeto que aí vão desenvolvendo.

O apego nas relações fora do Refeitório

Para compreender os modos como se relacionam e apegam as pessoas sem-abrigo que procurávamos estudar importava questionar não só aquelas que se desenvolvem dentro do espaço do Refeitório, mas também aquelas fora deste território. Seja as que vêm do passado (como família e amigos anteriores à situação de sem-abrigo), seja as que foram construídas no presente onde, por um lado, se convive com o outro para passar o tempo num dia que não tem horário de começo e de término e, por outro lado, se aprende a sobreviver observando os comportamentos dos outros.

Esta análise é feita a partir dos discursos dos nove utentes do Refeitório com quem falámos em detalhe nas entrevistas. Perguntámos sobre o passado, sobre a família, sobre outras relações e possíveis alterações provenientes da emigração e/ou da situação de sem-abrigo.

Para R. a sua experiência é envolta em três diferentes tipos de relações: aquelas que mantém no albergue, a relação com as filhas e as outras relações salientando a que mantém com um colega advogado.

As relações associadas ao albergue são conflituosas e tensas, implicam disputas, comportamentos violentos e um olhar crítico por parte deste indivíduo em relação às experiências que relata sobre os dois albergues em que já dormiu.

“R: Embora eu tenha a certeza absoluta que eles não têm a menor intenção, a menor perceção, a menor consciência do que se trata, eles têm um comportamento anárquico, no sentido da desordem, da ideia política mesmo de anarquia, da ideia de sociabilidade desordenada, desorganizada, tá bem?”

“R: Então eles utilizam um método de criar situações, de montar cenas, para castigar aquele que não é integrado, que não se consegue integrar bem no grupo. Ou tem que estar adaptado ao grupo, ou tem que ser mais um, ou sofre o castigo.”
(excertos de entrevista ao R., utente)

São relações de conflito como se depreende do discurso do R. que devem ser analisadas com uma lente que pondera não só a vulnerabilidade de todos os intervenientes como, igualmente, os impactos que esse conflito e tensão podem ter tido junto do R. na sua capacidade ou incapacidade de se tornar permeável às relações sociais, ao outro, ao apego.

Os indivíduos de quem o R. fala agem de forma coerciva enquanto grupo dominante naquele albergue, potenciando situações de violência e conflito. São igualmente vulneráveis, no entanto, apoiam-se na formação de um grupo para tentar diminuir essa vulnerabilidade.

No entanto, o R. é um dos utentes do Refeitório que é imigrante logo não deve ser desprezado o impacto que o desconhecimento dos vários dispositivos de apoio à pessoa sem-abrigo que existem em Lisboa teve não só na opção por pernoitar naquele albergue como também na continuidade da estadia nesse albergue apesar da situação tensa que aí foi vivendo.

Quando na entrevista incide sobre a natureza da sua relação com as três filhas é perceptível não só que o tema tem maior impacto em si (pela alteração comportamental e do tom de voz) como também é reforçada quando menciona uma relação mais profunda causando-lhe maior inquietação e preocupação.

“R: *E tem lá [...] as minhas **filhas** que nunca esqueço delas, não é? Uma mais velha e duas gémeas iguais. Uma de 11 anos e duas gémeas iguais de oito anos.*”
(excerto de entrevista ao R., utente)

“[...] viu-se, pela forma como as **mãos tremiam**, pelas **pausas** e pela **expressão séria, emocionada** e quase de uma revolta impotente, que o tema “relações” no geral e “as filhas” em particular o afetam bastante [...]” (excerto do diário de campo, dia 3.1.2017)

O último tipo de relação social de que R. fala nesta linha entre o passado e o presente é aquela que mantém com um colega advogado.

É através da sua explicação do impacto que estar sem-abrigo teve nessa relação em específico – que poderia ser pensada ao nível laboral, entre colegas de profissão, mas que dada a explicação da natureza da mesma entendemos que tem em si muito de pessoal também – que conseguimos depreender, no caso deste indivíduo, os traços do paradoxo de isolamento social através das relações sociais existentes.

“R: *Tenho esse colega advogado [...]. Ele gosta muito de mim e eu gosto muito dele mas a gente não pode, não posso deixar um transtorno que está-me acontecendo roubar a energia dele, percebeu? **Senão eu vou atrapalhar a vida dele.** Porque me arrancou da minha normalidade quotidiana, vai arrancar ele também.*”

“R: *De modo que, depois de ter acontecido isso cá em Portugal, **eu cortei absolutamente as minhas relações de tudo**, de amizade, de colegas, de família, de tudo porque eu acho que é **um peso demasiado** para as pessoas carregarem. Então eu nem me permito ter um envolvimento emocional, nem profissional, enquanto eu não **ultrapassar definitivamente esse assunto**, percebeu? Porque eu acho que é um preço muito alto para o colega, para uma pessoa que a gente gosta pagar. Principalmente porque percebi que quando me acham vulnerável eles vão*

*entrar numa circunstância, numa coisa à minha volta que possa me **atingir**, é o caso das minhas filhas, não é?”* (excertos de entrevista ao R., utente)

O R. afastou-se fisicamente das relações que mantinha no passado nesta dinâmica de dupla proteção, tanto das pessoas que lhe são queridas como de si mesmo. No entanto, pode ser legítimo, contrapondo esse afastamento com as relações desenvolvidas junto dos outros utentes do Refeitório, pensar uma continuidade afetiva (inerente ao ser pessoa) que vai além da atualidade do estar sem-abrigo.

Essa continuidade é mantida não a um nível físico, mas, por exemplo, através da noção de solução das carências atuais e de regresso a uma vida “normal” onde essas relações possam ser retomadas exatamente no ponto em que foram deixadas. Assiste-se a uma quase cristalização das relações sociais e de afetividade tidas pelo R. antes de estar em situação de sem-abrigo.

Na entrevista com F. encontramos também referência às pessoas com quem partilha o espaço de pernoita, sendo que no caso de F. falamos da rua, de bancos de jardim, de espaços públicos mais recolhidos onde se pode proteger do frio noturno.

Ao falar dos indivíduos com quem divide os locais onde vai dormindo não deixa de salientar que nem sempre são as mesmas pessoas e que quando não encontra lá ninguém se sente só.

*“F: De momento, pronto, existem lá assim alguns que dormem, outros dias não vão, pronto, uma vez, sinto-me **sozinho**.”* (excerto de entrevista ao F., utente)

Este excerto é revelador dos ambientes e das suas ligações com estes atores. Aqui F. revela a falta de afeto, a falta de contacto com o outro, a necessidade desse contacto que ao não existir tem implicações na sua experiência: sente-se sozinho. E o isolamento fá-lo contar exclusivamente consigo próprio.

F., tal como o R., fala da sua família. Entende o conceito de família como incluindo não só as relações biológicas (com os pais, por exemplo) mas também as relações afetivas junto daqueles que o acolheram quando se encontrava em situações problemáticas. Podemos falar quase numa “*família de adoção ou de acolhimento*” que se constitui simbolicamente através dos laços de confiança e auxílio àquele que está numa situação mais vulnerável (neste caso o F.).

“F: Digamos não aconteceu, mas foi um afastamento daquilo que eu era...propriamente...eu educado até uma certa idade, digamos, dos 14 aos 17

*anos ainda consegui frequentar a **ausência dos meus pais** e acabando depois, envolvendo-se etnias e grupos, fiquei sem a minha família e...afastando-me, lá está, afastando-me do pouco ou muito que eu já levava e isso...digamos, obrigando-me a mim mesmo a arrastar-me para a dita cidade de Lisboa e aí onde eu me aprofundei.”*

*“F: Olhando neles, porque me **adotaram** em certas circunstâncias, falando comigo, sabendo o que é que eu sou, o que é que eu faço, o que é que eu não faço, **eu adotei-as!**”* (excertos de entrevista ao F., utente)

Nesta forma de relação de F. com a sua “*família adotiva*” (porque os adota e eles o adotam simbolicamente) é bastante visível a importância que o estabelecimento de laços de confiança passa a ter tanto para ele como para as suas ligações com os outros. São esses outros que se transformam em outros que contam para si, para a sua convivência com o ambiente que o rodeia diariamente.

Através das provas dadas por essas pessoas de que são merecedoras da confiança que F. deposita nelas, nas suas atitudes, comportamentos, no auxílio face às suas problemáticas, que lhes dão provas de que são pessoas com as quais o apego pode ser mantido e as relações atualizadas ao longo do tempo porque mediadas pela afeição que vai nutrindo com uns e outros. Assim, este indivíduo vulnerável, porque envolto nas várias problemáticas inerentes à sua situação de sem-abrigo, vai permitir-se relacionar-se e apegar-se afetando e sendo afetado por estas pessoas, chegando a “*adotá-los*” nas suas formas de coordenação consigo próprio.

Esta questão das relações mantidas ou recriadas com a noção que estas pessoas sem-abrigo têm acerca do que é ou não a sua família vai ser também expressa em conversas mantidas com N. Através destas nota-se também que estabelece a separação em duas famílias: a biológica e aquela composta pelos seus amigos e pessoas com quem trabalha.

“N: [...] Pai, mãe [estão na Ucrânia], irmão está em Espanha, irmã Eslováquia, minha filha não sei onde...”

Entrevistadora: *E falas com os teus pais? Tens algum tipo de relação com a tua família?*

N: *Eu não falo há muitos anos. Porque não quero.*

Entrevistadora: *Então consideras mais próximo quem vive contigo cá em Portugal?*

N: *Sim, claro, minhas amigas, meus amigos. A família não me interessa. [...] Já estou há muitos anos longe. Eles não querem saber como eu estou e eu não quero saber como estão eles. Pronto!*” (excertos de entrevista ao N., utente)

O corte relacional entre N. e a sua família biológica acaba por ser um bom exemplo de um afastamento que não surge como estando diretamente relacionado com a situação de sem-abrigo. No entanto, mesmo não havendo comunicação existe uma preocupação de saber onde (em que países) estão estes elementos da sua família biológica.

Tendo em conta a situação de sem-abrigo, N. acaba por criar outro tipo de relações sociais com indivíduos que não os seus parentes, com amigos e companheiros de casa e de trabalho. Este indivíduo, estando duplamente vulnerável (é outro caso de um sem-abrigo imigrante) vai acabar por desenvolver laços de confiança com aqueles que se encontram em situações semelhantes ou com quem, de uma forma ou outra, partilha o quotidiano.

Outro caso analisado de um indivíduo imigrante e sem-abrigo é o do I. que fala da sua mãe, que está na Ucrânia, e dos seus amigos ucranianos com quem convive diariamente e a quem recorre quando precisa de ajuda.

“I: *Minha família é só minha mãe.*

Entrevistadora: *E costumava falar com ela?*

I: *Sim, ela quer que eu todo o dia falar com ela. Mamã tem reforma...como estes velhotes... Eu queria ajudar mamã, ela sozinha [...].”* (excerto de entrevista ao I., utente)

Esta relação de I. com a sua mãe pode representar no âmbito deste trabalho uma demonstração de como apesar de estar em situação de sem-abrigo não se observa qualquer tipo de corte com esta relação que já vinha a ser mantida desde sempre. I. fala com a sua mãe mesmo não tendo forma (monetária) de obter os bens necessários para deixar de estar na situação vulnerável em que se encontra atualmente. Ou seja, gere os poucos bens que tem de forma a garantir que consegue manter a comunicação com a sua mãe que está distante do País de destino.

Trata-se de um exemplo de como estas relações vão sendo reinventadas tendo em conta a distância espacial. Não significa, no entanto, que estas relações já existentes no passado se extingam só porque não há um contacto físico ou presencial continuado. Ao

invés estes descobrem um conjunto de formas para manterem um contacto simbólico reduzindo aquela distância de âmbito geográfico.

A forma como o M. vai falar sobre as relações que mantém fora do Refeitório tem em si algo de muito específico e não encontrado em nenhum dos outros discursos analisados. Tanto o seu discurso como o seu comportamento e a sua forma de ser e estar perante o outro ao nível da afetividade e da capacidade de se permitir apegar-se vão ser influenciados pelo grande impacto que sofreu com a morte da sua mãe.

“Entrevistadora: *Vive sozinho?*”

M: *Sim, sim, sim, a minha mãe já... [pausa; M emociona-se ao falar da mãe e demora algum tempo a conseguir continuar a falar] faleceu-me há...há uns oito meses... [mudança no tom de voz que ficou mais baixo porque o sr. M ficou comovido] atualmente vivo sozinho na casa da Câmara que arranjei. Tenho família, mas cada um no seu canto.*” (excerto da entrevista ao M., utente)

Olhando para o passado, o M. reflete sobre aquelas relações que foram cortadas em relação direta com a queda na situação de sem-abrigo, levando a que no presente refira apenas conhecidos e colegas com os quais convive no quotidiano, mas não relações de amizade.

“M: *E realmente quando eu comecei a entrar em **decadência**, derivado à minha vida em si, nas vendas, quem eu pensava que era uma pessoa meu amigo ou minhas amigas foi quem me **abandonou**.*”

“M: *Eu passo os dias realmente...às vezes encontro-me com um **colega** ou com outro [...].*” (excertos de entrevista ao M., utente)

O caso de J. é mais um de uma pessoa sem-abrigo imigrante que procurava sair do seu país sem pensar na situação que encontraria no país de destino, tendo referido em conversa informal que as condições de vida (ausência de trabalho e pobreza) em Marrocos o levaram a querer emigrar para qualquer outro país que não aquele, não tendo tomado muito tempo para ponderar acerca da situação que encontraria no país de destino. Quando fala das suas relações sociais fora do Refeitório refere amigos e uma família numerosa que deixou para trás em Marrocos, mas com quem mantém contacto.

“Entrevistadora: *Há bocado disseste que vivias em família, ainda manténs relação com eles? Falas com eles?*”

J: *Com família? Sim. É um dia se marca, se lhama, dois dias...quando ter dinheiro fazer um recadito, mais a Irmã [...].*”

“Entrevistadora: *Além da família, tens outro tipo de relações? Amigos...cá em Lisboa?*”

J: *Sim, tenho amigos aqui, em Espanha, França e Marrocos.*” (excertos de entrevista ao J., utente)

Apesar de, neste momento, se encontrar em situação de sem-abrigo, com as dificuldades que tal implica, J. não deixa de referir as suas amizades anteriores incluindo aquelas relações que ficaram nos países onde esteve no passado. Existe, face a essas relações passadas, uma distância espacial e temporal grande que não vai implicar que as relações sejam cortadas, que haja uma posição radical a ser tomada perante esses indivíduos aos quais se apegou em tempos outros. Continua a falar deles como sendo seus amigos numa conservação distanciada dessas relações, dessa afetividade que antes mantinha com eles.

Y. também emigrou de Marrocos para Lisboa e também mantém contacto com a família que ficou no seu País de origem. Dorme no mesmo albergue que o R. e refere, contrariamente a este exemplo anterior, a relação de proximidade com os outros utentes desse espaço.

“Entrevistadora: *E tem amigos cá?*”

Y: *Tenho lá de minha casa, sempre estamos juntos.*”

“Entrevistadora: *Há bocado falou da família. Costuma falar com eles...*”

Y: *Sim. Costumo, eu não...eu tenho contacto sempre com eles, no Facebook, no Whatsapp, no telefone... Não é diariamente, mas por exemplo uma vez por mês ou duas vezes por mês tem que saber notícias, principalmente a mãe, não é?”*
(excertos de entrevista ao Y., utente)

Finalmente, nesta análise das formas que o apego toma nas vivências dos utentes do Refeitório fora desse espaço é interessante ver o que acontece quando duas dessas pessoas com múltiplas carências se juntam mantendo uma relação entre si e com outros intervenientes dos seus quotidianos.

S. e P. são casados e pais de uma criança de três anos que não conseguem sustentar sozinhos e que, por isso, vive com os pais de P. O objetivo em relação ao futuro que

ambos apresentam é conseguirem sustentar-se a si mesmos e ter o seu filho a viver com eles.

Não deixam de manter relações várias com a família e com amigos que foram fazendo tanto no passado com no presente, ultrapassando possíveis dificuldades e carências em relação à possibilidade desta ligação ao outro.

“Entrevistadora: *Além da família tens amigos, tens outro tipo de relações?*”

S: *Sim, tenho **amigos** lá do curso*” (excerto de entrevista à S., utente)

“P: *Tenho, por acaso **tenho muitos amigos**. Nas minhas antigas escolas, onde eu passei, no meu curso – não completei o curso de carpintaria ali na Crinabel do Lumiar –, nos trabalhos do dia-a-dia, no próprio bairro...*” (excerto de entrevista ao P., utente)

Outra questão que é importante referir e que está diretamente ligada às dificuldades de P. e S. passa pela tensa relação que P. mantém com a sua sogra:

“P: *Depois a minha **sogra** tem uma coisa que **a gente não se dá muito bem**: nega a luz, nega a água, nega o gás, nega a própria comida*” (excerto de entrevista ao P.)

Vaguear desvincula? Notificações finais sobre seres sem paradeiro fixo

Vaguear pela cidade sem paradeiro fixo não é sinónimo de vagabundear e muito menos de vadiar. Andejam aparentemente sem rumo à vista.

A sua errância a desnorte é sobretudo notada porque não regressam ao mesmo local, nem partem no dia seguinte da mesma paragem. Não ter um topos fixo é o que o lhes subjaz a ideia de serem indivíduos desapegados do mundo, dos seus mundos, isto é, de se mostrarem como indivíduos desinteressados das ligações que estabelecem com os seus ambientes reconhecidos como seus.

Mas na verdade as experiências de não terem teto para pernoitar ou para passarem algum do seu tempo diário não os fazem romper os laços com os outros, aqueles outros que manifestamente contam para si. E mesmo que nos seus momentos presentes não possam contar com entes das suas relações mais próximas, as referências mantêm-se mesmo manifestando-se pela crítica ou pela indignação como foram tratados.

Tendo em conta as entrevistas realizadas às pessoas sem-abrigo utentes do Refeitório Rosália Rendu encontramos um conjunto de testemunhos que vêm comprovar que mesmo que se tratem de pessoas sem-abrigo e com várias dificuldades não deixam de ser pessoas, seres sociais, que têm também uma necessidade de fazer face à “*carência*”

de afetos” que está presente no dia-a-dia destes indivíduos. Pronunciando-se por ausências de afetos, não deixam de ensaiar outros investimentos afetivos.

E as queixas das desatenções a que se encontram sujeitos diariamente comprovam as aspirações pela atenção, mesmo que esta se expresse pelo cumprimento ou por interlocuções passageiras com outros que tropeçam nas suas vidas. O cuidado de si, ou sobre si mesmo requer também o outro lado, o cuidado do outro pela atenção que este merece desse mesmo outro.

E, por isso, revelam nos diálogos havidos no decurso da investigação as existências de figuras corpóreas ou simbólicas desse outro, que por circunstâncias várias, incluindo a vinda ao mundo, marcaram a sua história biográfica. E tanto pode ser um outro corporizado na sua família biológica, como um outro que em outros ou por outros contextos se atravessaram nas suas vidas, mesmo que por instantes.

Não importa a lonjura do tempo, mas o impacto da afetação mesmo que o embate tenha sido instantâneo, inesperado, surpreendente. Nas suas memórias coexistem afetos marcantes associados a acontecimentos que se experienciaram demoradamente ou em tempos mais curtos.

Assim, as experiências memorizadas, recordadas, mesmo que as lembranças sejam ficcionadas face a um passado que impede a uma remontagem fidedigna, ou as experiências monitorizadas num tempo presente, os nossos interlocutores registam-nas por vezes criativamente para manterem vivas as consequências daqueles contactos, daquelas ligações ou mesmo das relações mais fundas. Investem, por isso, na sua preservação e atualizam-nas quando confrontados com ocorrências em que aquelas estiveram presentes, mesmo que a sua presença lhes tenha trazido problemas.

São justamente os problemas que aquelas ligações de outrora ou de agora lhes trouxeram para as suas vivências em comum que são convocadas e não descartadas como por vezes a estes são imputados o seu desinteresse quase doentio pelo outro, seja o outro próximo ou íntimo ou um outro mais distante e desconhecido. Através das maneiras de agir contrariam a possibilidade de isolamento ao permitirem-se a si mesmos serem permeáveis aos afetos dos outros, e numa armadura mutualista devolver reciprocamente os seus afetos a esse ou a esses outros.

E com estas manifestações põem à prova as suas capacidades de estarem em público com os outros. Mesmo que essas provas sejam titubeantes, ostentando dúvidas, recriminações, queixas, ou em casos extremos comuniquem atos diferenciados pelo excesso como são revelados nos espaços públicos, estes seres apresentam-se na sua

humanidade, na sua condição humana existencial. E exibem o seu direito em estarem com os outros, mesmo com estratagemas, truques, manhas e evasivas várias.

Criam laços de confiança, criam relações de amizade, apegam-se, afetam e deixam-se afetar, têm amigos, têm família (nas suas várias concepções). E acabam por desenvolver uma rede que permite que não só façam frente a esse outro tipo de carência menos falado – a carência de afetos – como também que sobrevivam em condições precárias, por vezes assinaláveis por serem excessivas uma vez que ultrapassam a linha da dignidade humana.^{viiiviii1}

Notas

ⁱ Ver categorizações da Tipologia Europeia de Exclusão Relacionada com Habitação (ETHOS)

ⁱⁱ Ver o paradoxo autonomia-vulnerabilidade em Breviglieri (2004)

ⁱⁱⁱ Ver o conceito de *frame* em Goffman (1986)

^{iv} Rosa & Guadalupe (2015)

^v Soulet citado em Balsa (2006)

^{vi} Ver o conceito de acolhimento hospitaleiro em Stavo-Debauge (2017)

^{vii} Por decisão pessoal, os autores do texto escrevem segundo o novo acordo ortográfico

Referências

- Aldeia, J. (2011). «A Barraca do Rui». Os laços sociais no fenómeno dos sem-abrigo. Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra
- Breviglieri, M. & Stavo-Debauge, J. (1999). Le geste pragmatique de la sociologie française. Autour des travaux de Luc Boltanski et Laurent Thévenot. *Antropolítica*, 7, 7-22
- Breviglieri, M., Pattaroni, L., & Stavo-Debauge, J. (2003). Quelques effets de l'idée de *proximité* sur la conduite et le devenir du travail social. *Revue Suisse de Sociologie*, 29 (1), 141-157

- Breviglieri, M. & Stavo-Debauge, J. (2004). Les identités fragiles. La «jeunesse» et l'«immigration». In C. Cicchelli-Pugeault, V. Cicchelli & T. Ragi (Dir.), *Ce que nous savons des jeunes*. Paris : PUF
- Breviglieri, M. (2005). Bienfaits et méfaits de la proximité dans le travail social. In J. Ion, *Le travail social en débat(s)* (pp. 219-234). Paris : Éditions La Découverte
- Breviglieri, M. (2008). Penser la dignité sans parler le langage de la capacité à agir. In J.-P. Payet & A. Battegay, *La reconnaissance à l'épreuve. Explorations socio-anthropologiques* (pp. 83-92). Lille: Presses Universitaires du Septentrion
- Breviglieri, M. (2009). L'insupportable. L'Excès de Proximité, l'Atteinte à l'Autonomie et le Sentiment de Violation du Privé. *Economica*
- Breviglieri, M. (2012). L'espace habité que réclame l'assurance intime de pouvoir. Un essai d'approfondissement sociologique de l'anthropologie capacitaire de Paul Ricœur. *Études Ricœuriennes/Ricœur Studies*, 3 (1), 34-52
- Breviglieri, M. (2013). Peut-on faire l'histoire d'un attachement ?. *SociologieS* [online], Théories et recherches, <http://sociologies.revues.org/4403> [consultado dia 15 de outubro de 2016]
- Burgess, R. (1997). *A Pesquisa de Terreno*. Oeiras: Celta
- Estratégia Nacional para a Integração da Pessoa Sem-Abrigo: Prevenção, Intervenção e Acompanhamento, 2009-2015
- FEANTSA (2006) *ETHOS: Tipologia Europeia de Exclusão Relacionada com Habitação*, https://www.feantsa.org/download/ethos_pt_final1893132162398804628.pdf [consultado dia 09 de novembro de 2016]
- Goffman, E. (1986). *Frame Analysis*. Boston: Northeastern University Press
- Grupo de Trabalho da Pessoa Sem-Abrigo (2009). *Plano Cidade para a Pessoa Sem-Abrigo*
- Paperman, P. (2008). Pour un Monde Sans Pitié. *Revue du MAUSS*, 32, 267-283

- Pizzio, A. & Veronese, M. V. (2008). Possibilidades Conceituais da Sociologia das Ausências em Contextos de Desqualificação Social. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 11 (1), 51-67
- Programa Municipal para a Pessoa Sem-Abrigo 2016-2018. Outubro de 2015
- Rosa, V. & Guadalupe, S. (2015). A Rutura dos Laços Sociais nas Narrativas da Pessoa em Situação de Sem-Abrigo. *Lusíada. Intervenção Social*, 42/45, 151-176
- Santos, M. C. (2011). A noção de experiência em John Dewey, a educação progressiva e o currículo de ciências. Obtido em <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0214-1.pdf> (consultado dia 7 de maio de 2016)
- Soulet, M.-H. (2006). Confiança e Capacidade de Ação. Agir em Contexto de Inquietude. In C. Balsa (Ed.), *Confiança e Laço Social*, Col. CEOS/Inquéritos-3, Lisboa: Edições Colibri/CEOS
- Stavo-Debaugé, J. (2017) Les qualités de l'hospitalité et l'idée de «ville inclusive». Comunicação na conferência *In/Out : Designing Urban Inclusion*, organizada por *Metrolab Brussels*
- Vallée, M.-A. (2010). Paul Ricœur et la question du vivant. *Bulletin d'analyse phénoménologique*, VI (2), 262-277